



Quando hoje ouvimos a palavra *Inquisição*, o imaginário coletivo dispara: masmorras húmidas, torturas intermináveis, fanatismo religioso e uma Igreja sedenta de sangue. É uma imagem repetida tantas vezes que quase ninguém para para perguntar se é **historicamente honesta**.

Mas a história — como quase sempre — é mais complexa, mais humana... e também mais desconfortável para os nossos preconceitos.

Um dos factos mais surpreendentes e, ao mesmo tempo, menos conhecidos é este: **muitos prisioneiros comuns blasfemavam deliberadamente para serem transferidos para as prisões da Inquisição**.

Sim, leste bem.

Porque é que alguém desejava acabar nas mãos do Santo Ofício?

A resposta obriga-nos a repensar não só a história, mas também a nossa forma moderna de compreender a justiça, a misericórdia e a dignidade humana.

1. Um mito moderno diante de uma realidade medieval

A chamada *lenda negra* da Inquisição foi construída, em grande parte, séculos depois do seu funcionamento real. Foi alimentada por interesses políticos, conflitos religiosos e propaganda anticatólica, especialmente entre os séculos XVIII e XIX.

Isto não significa negar os abusos — houve-os, como em qualquer instituição humana —, mas significa **rejeitar a caricatura**.

A Inquisição não nasceu como um instrumento de terror, mas como um **tribunal jurídico-religioso** num contexto em que:

- não existia a separação moderna entre crime civil e falta moral
- a fé era considerada um bem comum, e não apenas privado
- a ordem social estava profundamente ligada à verdade religiosa

Nesse quadro, a Inquisição atuava — pelo menos em teoria — com procedimentos **mais garantistas para o acusado** do que muitos tribunais civis da sua época.



2. As prisões civis: o verdadeiro inferno quotidiano

Para compreender por que um prisioneiro blasfemava para ser julgado pela Inquisição, é preciso primeiro olhar para **como eram as prisões civis medievais**.

Características habituais:

- superlotação extrema
- falta de higiene e de cuidados médicos
- abusos constantes por parte dos carcereiros
- alimentação escassa (se não tivesses família que te levasse comida, passavas fome)
- detenções preventivas indefinidas, muitas vezes sem um julgamento claro

A prisão não era uma pena em si, mas um lugar de espera... muitas vezes pior do que a condenação.

Nesse contexto, as **prisões eclesiásticas** revelavam-se surpreendentemente diferentes.

3. Como eram as prisões da Inquisição?

Aqui surge o grande paradoxo histórico.

As prisões inquisitoriais ofereciam geralmente:

- **celas individuais ou uma superlotação muito menor**
- **alimentação regular**
- **cuidados médicos básicos**
- **proibição de abusos físicos não autorizados**
- **acesso à confissão e à assistência espiritual**
- **registos escritos dos processos e das sentenças**

Além disso, o objetivo principal não era **punir**, mas **corrigir e reconciliar**.

O herege arrependido não era um inimigo a destruir, mas um filho a recuperar.



«*Não me comprazo na morte do ímpio, mas em que ele se converta do seu caminho e viva.*»
(Ezequiel 33,11)

4. A blasfêmia como “estratégia” de sobrevivência

Aqui encontramos um dos factos mais reveladores.

Alguns prisioneiros comuns, condenados por roubo, violência ou crimes civis, **blasfemavam publicamente** ou declaravam-se suspeitos de heresia para que o seu caso fosse transferido para o tribunal inquisitorial.

Porquê?

Porque sabiam que:

- teriam um **processo mais ordenado**
- seriam tratados com **maior dignidade humana**
- poderiam até **salvar a vida**, pois as penas inquisitoriais eram frequentemente espirituais ou penitenciais

Este facto desmonta completamente a imagem da Inquisição como o pior destino possível.

Ninguém blasfema para fugir do inferno... a menos que o inferno esteja noutro lugar.

5. A lógica teológica do Santo Ofício

Do ponto de vista da teologia católica tradicional, a Inquisição movia-se dentro de uma lógica hoje quase incompreensível:

a alma é mais importante do que o corpo.

Isso não justificava tudo, mas estabelecia prioridades.



O pecado da heresia não era visto apenas como um erro intelectual, mas como:

- uma ferida no Corpo de Cristo
- um escândalo para os fiéis
- um perigo espiritual para a comunidade

Por isso, o objetivo era **a conversão**, não a eliminação.

São Paulo expressa-o com clareza:

«Irmãos, se alguém for surpreendido em alguma falta, vós, que sois espirituais, corrigi-o com espírito de mansidão. E tem cuidado contigo mesmo, para não caíres também em tentação.»
(Gálatas 6,1)

6. Misericórdia, penitência e justiça: um equilíbrio esquecido

As penas inquisitoriais consistiam frequentemente em:

- jejuns
- peregrinações
- orações
- penitências públicas
- uso temporário de hábitos penitenciais
- reclusão acompanhada de orientação espiritual

À luz da nossa mentalidade moderna, isto pode parecer duro, mas em comparação com:

- mutilações
- execuções sumárias
- castigos coletivos

...tratava-se de um sistema **surpreendentemente moderado para o seu tempo**.



Não era perfeito.
Mas também não era o monstro que nos contaram.

7. O que tudo isto nos diz hoje?

É aqui que o tema deixa de ser apenas histórico e se torna **profundamente atual**.

1. Sobre a justiça

Hoje punimos muito... mas curamos pouco.
Encarceramos corpos, mas não acompanhamos almas.

2. Sobre a dignidade humana

A Igreja, mesmo em contextos difíceis, manteve a ideia de que **ninguém deixa de ser pessoa**, nem sequer o culpado.

3. Sobre a verdade

Vivemos tempos em que discordar pode custar-te o “exílio social”. Cancelamento, linchamento mediático, rótulos rápidos.
Somos assim tão diferentes, no fundo?

8. Guia espiritual: aprender com esta história incómoda

Esta história convida-nos a várias atitudes espirituais muito concretas:

Humildade histórica

Antes de julgar o passado, pergunte-nos se o nosso presente é realmente tão luminoso como acreditamos.



□ Misericórdia verdadeira

Não a que desculpa tudo, mas a que procura **redimir o pecador sem negar a verdade.**

□ Conversão pessoal

A blasfêmia fingida daqueles prisioneiros recorda-nos que mesmo a partir da miséria humana... **Deus pode abrir caminhos de graça.**

«*Onde abundou o pecado, superabundou a graça.*»

(Romanos 5,20)

9. Uma última reflexão

A verdadeira pergunta não é se a Inquisição foi perfeita (não foi).

A pergunta é: **somos hoje mais justos, mais misericordiosos e mais humanos?**

Talvez seja por isso que esta história incomoda tanto.

Porque quebra a narrativa fácil e obriga-nos a olhar para o espelho.

E porque, no fim, a Igreja — com todas as suas sombras — continua a recordar-nos algo profundamente cristão:

- **nenhum ser humano é irrecuperável**
- **nenhuma verdade se defende com ódio**
- **e nenhuma justiça é autêntica sem caridade**